

Formação em Psicologia e o lugar da diferença de gênero nos saberes instituídos

Rogério Amador de Melo¹

Danielle Jardim Barreto²

UNIPAR - Umuarama

Resumo: O presente estudo é fragmento de um trabalho de conclusão de curso que objetivou cartografar os agenciamentos das produções de saberes/verdades sobre gênero, diversidade sexual, identidades e sexualidades dissidentes, na formação em Psicologia. Tendo em vista que devido às “novas” configurações de sexualidade e suas nuances emergem discussões e problematizações frente às normas binárias e hegemônicas de uma biopolítica e de um biopoder de controle dos corpos. Além de uma política identitária que engendra a produção de saberes que demarcam territórios subjetivos de existência e experimentação do corpo e do desejo, demarcando a produção de saberes-verdades na formação em Psicologia.

Palavras-Chaves: Diferença de Gênero; Saberes Instituídos; Formação em Psicologia.

¹ Discente do Curso de Psicologia da Universidade Paranaense - UNIPAR – Umuarama.

² Ma. Psicologia e Sociedade/UNESP – Assis - SP; Docente do Curso de Psicologia/UNIPAR – Umuarama.

Introdução

Os saberes produzidos sobre e para o sujeito não estão desconectados de um contexto sócio-econômico e cultural, permitindo que nos indaguemos sobre a produção de quais verdades estão sendo enunciadas sobre os que somos/estamos enquanto sujeitos, nos cursos de formação em Psicologia. Deste modo, se faz necessário averiguarmos o que produz os discursos de verdades sobre diversidade sexual, identidades e sexualidades dissidentes e os efeitos destes temas abordados em disciplinas a partir das Matrizes Curriculares que acabam atravessadas com questões morais, culturais e sociais hegemônicas.

Partindo então, do pressuposto que no tocante a sexualidade e padrões heteronormativos de gênero e seus papéis a questão moral enuncia-se com mais força, dentro da Psicologia os referenciais teóricos e seus efeitos no sujeito precisam ser vistos a partir de uma demanda social que é dinâmica e epistemológica. Isso se dará através de uma leitura das configurações subjetivas e relacionais sobre o corpo, o desejo e o sujeito, engendrados socialmente em discursos normatizadores a serem cartografados.

Agenciamento dos postulados “psi” num território subjetivo de desejo e experimentações

É notório a problemática que envolve saberes até então pré-estabelecidos epistemologicamente, trazendo tanto para as discussões teóricas como também para as práticas profissionais de vários campos da ciência, influências de extrema pertinência, ao qual devem ser analisadas e revistas na atualidade. Ao pensarmos então na formação em Psicologia, no contexto do agenciamento de saberes/verdades sobre diversidade sexual, identidades e sexualidades dissidentes, não se pode negligenciar as afetações que tais discursos produzem no sujeito que se insere nesta formação.

A produção de saberes/verdades sobre o homem pode pautar-se no entendimento de como e para que o homem busca a si mesmo e a compreensão de sua finitude, sendo que para experimentação da vida é necessário estarmos afetados pelos enunciados de verdades produzidas discursivamente (Foucault, 1997). Partindo da premissa que no tocante as questões de ordem sexual e padrões binários, hegemônicos e heteronormativos de gênero e seus papéis, os aspectos morais enunciam-se com mais intensidade, emergindo então a necessidade dentro do campo psicológico, de uma revisão teórico-metodológica que abarque a demanda social que é epistemologicamente plástica, flexível e dinâmica.

É um processo de desconstrução e construção de saberes, que se dará através de uma leitura e de uma bricolagem de conhecimentos, das configurações subjetivas e relacionais sobre o sujeito, o corpo e o desejo, engendrados e agenciados socialmente em discursos heteronormativos de biopoder e biopolíticas (Peres, 2011).

Dado o exposto, ao pensar na formação em Psicologia mediante estes territórios de vetores, de implicações de saberes/discursos culturais e políticos, é que nos atentamos que “. . . as práticas psicológicas organizam, produzem ou desorganizam o modo de viver dos sujeitos”. (Guareschi & Dhein, 2009, p. 69). Assim, convém ressaltar que de acordo com Foucault (1996), os discursos não se materializam e nem circulam

de maneira natural, mas se configuram na ordem das leis, com o objetivo de empoderar-se de um determinado poder e controle. Sendo que tal processualidade é de caráter epistemológico, tendo suas articulações e circulação estabelecida em cada momento de maneira diferente e específica, porém com os mesmos propósitos.

No que tange as questões relacionadas à diversidade sexual, identidades e sexualidades dissidentes se fazem presente na atualidade contribuições de estudos e pesquisas sobre essas temáticas, propiciando novas nuances, pensamentos e discursos que problematizam e colocam em xeque o binário, o hegemônico e o patológico para/sobre a sexualidade. Tem-se grande contribuição dos Estudos Culturais e da Teoria *Queer*, que auxiliam na desconstrução de saberes/verdades normativas e naturalizantes sobre identidades, sexualidade e diferenças de gênero, propiciando novas possibilidades de entendimento e de territórios subjetivos de existência (Silva, 2009).

É a partir dessas contribuições que se pode pensar na formação em Psicologia no contexto desses temas aqui expostos, de maneira diferente e abrangente, rompendo de certo modo com padrões tradicionais que até então a Psicologia adotava, como afirma Guareschi e Dhein (2009):

A formação da Psicologia não tecia até muito pouco tempo relações com acontecimentos ou fatos que levassem a pensar a cultura como constituinte do sujeito e muito menos a cultura como uma dimensão simbólica como práticas de significação e com suas implicações políticas (p. 65)

Em consequência disso, vê-se, a todo o instante, a necessidade cada vez maior da inserção de uma pedagogia da diferença, que possibilite o agenciamento de espaços nas rotinas pedagógicas e curriculares que estimulem problematizações sobre as questões de poder e políticas que engendram as produções de verdades sobre identidades e diferenças, e não mais em territórios distantes e superficiais no tocante a essas temáticas (Silva, 2009). Em vista dos argumentos apresentados, emerge no campo teórico-metodológico da Psicologia, um mergulhar nas afetações da processualidade no qual certa identidade se objetiva num contexto histórico-cultural, seja num processo de afirmação e/ou legitimação, pois para Foucault (1984), no que tange aos novos modos de subjetivação e de entendimento do sujeito, seu desejo e sexualidade, este é sempre agenciado pelo atravessamento de saberes/verdades epistemológicas que demarcam e estabelecem territórios subjetivos de existência, de experimentação do corpo e do próprio desejo.

Trata-se de uma delimitação e demarcação de possibilidades agenciadas por códigos discursivos e simbólicos a respeito do desejo, da sexualidade e do próprio sujeito, dentro de normatizações hegemônicas e binárias das práticas de um biopoder e uma biopolítica, contextualizadas e reafirmadas numa descontinuidade de discursos históricos (Foucault, 1984). Salienta-se que:

Foram os novos procedimentos do poder, elaborados durante a época clássica e postos em ação no século XIX, que fizeram passar nossas sociedades de uma simbólica do sangue para uma analítica da sexualidade. Não é difícil ver que, se há algo que se encontra do lado da lei, da morte, da transgressão, do simbólico e da soberania, é o sangue; a sexualidade, quanto a ela, encontra-se do lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações (Foucault, 1988, p. 139).

Partindo então de um mapeamento cartográfico desses territórios subjetivos na formação em Psicologia, percebe-se um atravessamento de dispositivos de força nos discursos, seja de ordem epistemológica, metodológico-teórica, cultural e/ou midiático. É factível afirmar, que esses dispositivos de força se materializam com maior intensidade ao se tratar de questões que envolvem sexualidade e suas vertentes, que indireta ou diretamente apresenta forte pertinência no âmbito da moral social.

Isso se dá conforme Teixeira Filho (2011), pelo engendramento dos saberes/verdades nesse processo onde a Psicologia como ciência surge num momento histórico em que o contexto social no tocante a sexualidade e suas vertentes, se configuravam num campo relacional de intensos embates e conflitos, a partir da existência de enunciados de verdade sobre o sexo.

Esses saberes/verdades de ordem discursiva são problematizados e evidenciados dentro de um diálogo e de uma visão *queer* ao qual, objetivam-se a uma desconstrução do binarismo hegemônico predominante no agenciamento, produção e circulação de saberes/verdades a respeito de identidades, diversidade sexual e sexualidades dissidentes. A teoria *queer* e os estudos culturais têm possibilitado a discussão e o diálogo no campo psicológico como em tantos outros, sobre a emergente necessidade da desconstrução de políticas identitárias de gênero, que por sua vez demarcam territórios subjetivos de existências e de experimentação, numa visão classificatória do sujeito a partir de sua diferença. Ratifica Spargo (2006):

Essa teoria da “performatividade é uma das idéias mais influentes, ainda que causadora de confusão, a emergir da teoria *queer* ou do feminismo em tempos recentes. Assim como a análise de Foucault da implicação entre saber e poder na produção de posições do sujeito, a performatividade de gênero literalmente destrói a base de movimentos políticos que têm como objetivo a liberação de naturezas reprimidas ou oprimidas, tanto de gênero quanto sexuais, mas abre possibilidades de resistência e subversão que haviam sido obstadas pela política de identidade (pp. 52-53).

É dentro desse contexto de performatividade do gênero que engendra e agencia os territórios subjetivos da diversidade sexual, de identidades e sexualidades dissidentes, que abre-se um campo de possibilidades tanto para os pensadores quanto para os profissionais da Psicologia, nos dando a ver que a demanda social não mais pode ser percebida de um único lugar e por um único referencial (Teixeira Filho, 2011). Pois até então, foi nessa processualidade binária e hegemônica de classificação da identidade, do sexo, do gênero e da diferença, que a Psicologia como ciência durante muito tempo respondeu e deu vazão as suas pesquisas e produções de saberes, até mesmo devido ao contexto histórico ao qual se encontrava e do que se entendia no momento como subjetividade (Guareschi & Dhein, 2009).

É de fundamental importância dentro desses parâmetros, entender que se tratando de identidade, seja também no âmbito sexual, o conceito desta se apresenta através de enunciados discursivos que a demarca conforme afirma o autor:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e lingüística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas (Silva, 2009, p. 81).

Nessa perspectiva, é relevante pensar que o ser humano na sua complexidade e singularidade se configura e se faz no mundo, de maneira rizomática, múltipla e plástica, emergindo das ciências humanas, neste caso da Psicologia, uma ampliação dos seus postulados teóricos sobre o sistema sexo, desejo e gênero (Peres, 2011).

Conclusão

O mapeamento cartográfico das capturas, das linhas de fuga e das resistências num território de subjetividade, principalmente, no que tange a identidades, diversidade sexual e sexualidades dissidentes, é um afetar-se constante das transversalidades engendradas e agenciadas nestes espaços. É um mergulhar ao mesmo tempo num rizoma de saberes e numa processualidade de normas morais e sociais, que por sua vez na transmodernidade acaba também afetada pelos enunciados plásticos, flexíveis e desafiadores de uma demanda nômade, que transita numa multiplicidade descontínua.

Neste sentido, dentro desse contexto de agenciamentos discursivos e de produção de saberes/verdades, o entendimento sobre/para o sujeito na sua singularidade, se faz necessário dentro da formação em Psicologia uma revisão crítica buscando uma ampliação da visão “psi” sobre o sujeito que se encontra num sistema rizomático de sexo, gênero e desejo. Trata-se de um constante questionamento de normas, hábitos, costumes morais e éticos engendrados por uma biopolítica e um biopoder binário e hegemônico.

Ao mesmo tempo é um campo desafiador para os pensadores e profissionais da Psicologia, seja dentro dos seus *settings* terapêuticos, na academia ou em qualquer contexto de trabalho, pois é ali neste território/espço de escuta, intervenção e produção de subjetividade que poderá então transitar as possibilidades de um rompimento com esse sistema classificatório e maquínico, propiciando espaços de emancipação, experimentação e circulação da multiplicidade do desejo e da subjetividade.

Melo, R.A., Barreto, D.J. (2011) Training in Psychology and the place of gender difference in the knowledge set. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2), 66-71.

Abstract: *This study is a fragment of completion of course work that aimed to map the assemblages of the production of knowledge / truths about gender, sexual diversity, identities and sexualities dissidents, training in psychology. Considering that due to "new" settings of sexuality and its nuances emerge discussions and problematizations forward rules binary and hegemonic biopolitics and biopower a control bodies. In addition to an identity politics that engenders the production of knowledge that demarcate territories of existence and subjective testing of the body and desire, marking the production of knowledge-truths training in psychology.*

Key Words: *Gender Difference; Instituted Knowledge; Training in Psychology.*

Bibliografia

FOUCAULT, M. (1984). História da sexualidade 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M. (1988). História da sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.

FOUCAULT, M. (1996). A ordem do discurso. São Paulo: Loyola.

FOUCAULT, M. (1997). Resumo dos Cursos no Collège de France (1970 – 1982); (A.D, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

GUARESCHI, N. M. F., DHEIN, G. (2009). Formação em Psicologia: história, cultura e política. In: TATSCH, D., GUARESCHI, N. M. F., BAUMKARTEN, S. T. (org.) (2009). Tecendo Relações e Intervenções em Psicologia Social. 1a. ed. Porto Alegre: ABRAPSO SUL, v. 1, p. 64-73.

PERES, W.S. (2011).Tecnologias e programação de sexo e gênero: apontamentos para uma Psicologia política QUEER. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (org) (2011). Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos. Brasília: CFP.

SILVA, T. T. (2009). A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.(9a ed.). Rio de Janeiro: Vozes.

SPARGO, T. (2006). Foucault e a teoria queer. (V.F, trad.). Rio de Janeiro: Ed. UFJF.

TEIXEIRA FILHO, F.S. (2011). Apontamentos para uma Psicologia contra-homofóbica. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. (org) (2011). Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos. Brasília: CFP.

Recebido: novembro de 2011.

Aprovado: março de 2011.